

Revista Mídia e Cotidiano
ISSN: 2178-602X
Artigo Seção Temática
Volume 15, Número 3, set./dez. de 2021
Submetido em: 26/06/2021
Aprovado em: 18/09/2021

A persistência do misticismo, do senso comum e da má-fé nas receitas milagrosas contra a Covid-19: uma proposta de interpretação

The persistence of mysticism, common sense and bad faith in the miraculous recipes against Covid-19: a proposal for interpretation

La persistencia del misticismo, el sentido común y la mala fe en las recetas milagrosas contra el Covid-19: una propuesta de interpretación

Marcio da Silva GRANEZ¹

Resumo

O artigo consiste numa reflexão sobre o caráter recorrente da desinformação no contexto da pandemia da Covid-19. Parte de revisão de conceitos de desinformação (UNESCO, 2019; SHAO, 2020; POSETTI; BONCHEVA, 2020), aborda a articulação entre religião, senso comum e má-fé na interpretação da realidade, mostrando como eles podem servir à desinformação (FREUD, 2006; ELIADE, 2001, HARARI, 2016, MARTINO, 2017; PONDÉ, 2018), e analisa forma e conteúdo de cinco mensagens sobre receitas milagrosas, checadas pelo site Nujoc Checagem. Por fim, propõe quatro chaves de leitura para interpretar os dados: a. A chancela da divindade; b. A persistência da tradição; c. A natureza invisível do mal; d. O caráter cíclico da desinformação.

Palavras-chave: Covid-19. Desinformação. Religião. Senso Comum. Má-fé.

Abstract

The article is a reflection on the recurrent character of misinformation in the context of the Covid-19 pandemic. Part of the review of misinformation concepts (UNESCO, 2019; SHAO, 2020; POSETTI; BONCHEVA, 2020), addresses the articulation between religion, common sense and bad faith in the interpretation of reality, showing how they can serve misinformation (FREUD, 2006; ELIADE, 2001, HARARI, 2016, MARTINO, 2017; PONDÉ, 2018), and analyzes the form and content of five messages about miracle recipes, checked by the Nujoc Checking website. Finally, it proposes four reading keys to interpret the data: a. The seal of divinity; B. The persistence of tradition; ç. The invisible nature of evil; d. The cyclical character of disinformation.

Keywords: Covid-19. Disinformation. Religion. Common sense. Bad faith.

¹ Doutor em Comunicação, professor visitante na Universidade Federal do Piauí, bolsista PNPd/CAPES. E-mail: marcio.granez@hotmail.com. ORCID: [0000-0002-9838-2670](https://orcid.org/0000-0002-9838-2670).

Resumen

El artículo es una reflexión sobre el carácter recurrente de la desinformación en el contexto de la pandemia Covid-19. Parte de la revisión de conceptos de desinformación (UNESCO, 2019; SHAO, 2020; POSETTI; BONCHEVA, 2020), aborda la articulación entre religión, sentido común y mala fe en la interpretación de la realidad, mostrando cómo pueden servir a la desinformación (FREUD, 2006). ; ELIADE, 2001, HARARI, 2016, MARTINO, 2017; PONDÉ, 2018), y analiza la forma y contenido de cinco mensajes sobre recetas milagrosas, revisados por el sitio web Nujoc Checking. Finalmente, propone cuatro claves de lectura para interpretar los datos: a. El sello de la divinidad; B. La persistencia de la tradición; C. La naturaleza invisible del mal; D. El carácter cíclico de la desinformación.

Palabras clave: Covid-19. Desinformación. Religión. Sentido comum. Mala fé.

Considerações iniciais

A pandemia da Covid-19 tem sido o epicentro da desinformação nos dias correntes. A produção de *fake news* por grupos com os interesses mais variados – poder, dinheiro, doutrinação ideológica – é um desafio diário a todos os que buscam entender a dinâmica do debate público.

Com o início da pandemia do novo coronavírus, em março de 2020, fenômenos como as *fake news* e as teorias conspiratórias se multiplicaram, desafiando todos os pesquisadores que se dedicam a estudar o espaço público, o jornalismo e a comunicação. Antes disso, já havia, sem dúvida, uma maré montante de fenômenos que instigavam as investigações já na virada do século, quando a internet e as redes sociais passaram a compor de forma mais orgânica o ambiente das trocas simbólicas. Fenômenos como o ressurgimento do fascismo e do conservadorismo foram marcados nas eleições para a saída do Reino Unido da União Europeia – conhecida como “Brexit” – e na eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos, ambos em 2016 (D’ANCONA, 2018).

No Brasil, a ascensão de Jair Bolsonaro para a presidência da República em 2018 também indicou a existência de fortes movimentos de insatisfação com o *status quo* até então dominante. A agenda conservadora que passou a guiar o cenário político, no Brasil e em parte do mundo, teve um reforço considerável a partir da nova configuração

mediática insaturada pela comunicação *online* e pelo advento das redes sociais digitais (GOMES, 2020).

A pandemia do novo coronavírus surgiu, portanto, no contexto de uma onda conservadora na política e nos costumes, e as narrativas criadas em torno da Covid-19 refletem tal conjuntura, agora no debate sobre a doença, suas causas e consequências. Neste artigo buscamos entender a imbricação entre o fenômeno da desinformação e as narrativas sobre a cura da Covid-19, enfocando a persistência da religião, do senso comum e do mal nessas narrativas.

Para tanto, faremos a análise de notícias sobre a pandemia, buscadas no site de verificação NUJOC Checagem, ligado a projeto de extensão da Universidade Federal do Piauí. Buscamos mostrar o teor das narrativas construídas em torno de supostos medicamentos para a Covid-19: especificamente, enfocaremos as receitas de cura, analisando os aspectos discursivos mediante Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009) dessas narrativas, considerando o contexto de criação e circulação em que elas ganharam existência.

Apresentamos a hipótese de que as receitas “milagrosas” contra a Covid-19 respondem a anseios arcaicos da *psique* humana, que tendem a disputar espaço no debate público sempre que o saber científico se encontra em xeque. Para isso, vamos refletir primeiramente sobre o que colocou em xeque o saber científico nas últimas décadas, enfocando o fenômeno da desinformação; em seguida, abordaremos a religião, o senso comum e a má-fé, ou intencionalidade estratégica, como possíveis elementos componentes da desinformação; no passo seguinte, mostramos como isso se reflete nas mensagens construídas pelos que negam a ciência e a eficácia da medicina nas *fake news* sobre a pandemia do novo coronavírus. Por fim buscaremos relacionar ambas as dimensões – a discussão de cunho epistemológico e os traços da experiência empírica verificada no *corpus* – mediante a interpretação que encerra o artigo, onde apresentamos quatro proposições como chave de leitura para os fenômenos analisados.

Guerra de narrativas

A discussão sobre o que vem sendo denominado “desinformação” – que abrange, em sentido lato, *fake news*, pós-verdade, teorias da conspiração, negacionismo e

fenômenos correlatos – se dá no contexto de descrédito da ciência e de emergência de novos atores na esfera pública. Resumidamente, considerando o que vem sendo estudado por diversos autores (DANOWSKI, 2014; D’ANCONA, 2018; UNESCO, 2019; POSETTI; BONTICHEVA, 2020,), a desinformação é tomada aqui como a produção e circulação de mensagens que não condizem com a realidade factual, e que pode ser motivada por fatores como erro, fantasia e má-fé.

A desinformação ganhou força nas últimas décadas, na esteira do avanço técnico e dos embates entre novos atores da esfera pública. A explicação alcançada no diagnóstico feito por Anderson, Bell e Shirky (2013) sobre o jornalismo industrial fornece pistas para esse embate. Uma dessas pistas foi a eclosão das mídias sociais digitais, que desestruturaram o ecossistema anterior da mídia e contribuíram para minar sua credibilidade.

A guerra em curso é entre visões de mundo que talvez nunca tenham de fato se equacionado: a noção de um passado ideal confrontada com a de um progresso promissor; o ressentimento dos que ficaram fora da divisão dos frutos trazidos pelo “progresso”; a resistência da *psique* humana em aceitar realidades desagradáveis e que contradigam o senso comum. O cadinho da desinformação mistura um bocado disso tudo, para propor narrativas fantasiosas sobre a realidade, algumas ingênuas, outras nem tanto.

Seria apressado concluir disso que estamos diante de fenômeno novo ou substancialmente diverso de outros já observados no passado recente ou distante. Diferentes estudos têm mostrado a recorrência desses fenômenos, e os autores têm sido também recorrentes ao afirmar que a comunicação sempre conheceu a desinformação, embora os nomes tivessem sido outros: mentira, ideologia, mistificação, fantasia, cortina de fumaça, entre muitas outras possíveis designações (DALMAZO; VALENTE, 2018; MACHADO; DOURADO; SANTOS; D’ANCONA, 2018; SANTOS, 2020). O termo “*fake news*”, contudo, encontra certa resistência entre os estudiosos, pelo sentido pejorativo que atribui ao conceito de notícia – pois as notícias seriam por princípio verdadeiras, por se basearem em fatos (D’ANCONA, 2018).

Nos últimos anos, tem chamado a atenção dos estudiosos outro fenômeno correlato que contribui para a desinformação: o negacionismo (DANOWSKI, 2014). Entendido como a não-aceitação da ciência e dos fatos comprovados, o negacionismo

pode ter diversas origens, como a crença, a falta de perspectiva econômica, a ideologia e também a má-fé. Nesse sentido, ele vem protagonizando episódios recentes do debate público, como a negação das mudanças climáticas e do holocausto judeu durante o nazismo, figurando como parte do fenômeno da desinformação em geral.

Embora evidenciada nessas manifestações recentes, a desinformação não é algo novo. Talvez o traço mais interessante de sua natureza seja seu caráter latente e circular: ela recupera narrativas que estão sempre à espera de voltar à cena para persuadir os atores sociais. Ela se alimenta de desejos que estão vivos na *psique* humana mas recobertos pela civilização e reprimidos no imaginário e nos sonhos – fantasias que remetem à infância e à vontade de poder absoluto, e que costumam ser obliteradas pela racionalidade.

Investigar o que une desinformação e anseios inominados e recorrentes da *psique* humana – sob a forma de religião, de senso comum e do mal – é o objetivo da presente investigação. Como e por que as mensagens desinformativas se articulam com os fatos da ordem do dia no debate público, o que as faz retornar de tempos em tempos sob a forma de *fake news*, e quais os recursos que mobilizam no universo simbólico da comunicação para alcançar os fins de seus criadores.

Analisar o caráter cíclico da desinformação no contexto da pandemia da Covid-19 remete-nos de imediato aos paralelos que vêm sendo estabelecidos entre esta e outras crises sanitárias. A história da guerra contra a varíola, protagonizada por Oswaldo Cruz no início do século XX, e a epidemia da Gripe Espanhola, no final da segunda década do século XX, são já exemplos bem conhecidos e nos quais se podem encontrar similaridades notáveis do comportamento recorrente da desinformação (BARBOSA, 2020). Naquelas crises como agora, houve revolta contra a vacinação, atitude hostil contra os médicos, narrativas fantasiosas sobre as doenças, e muitas alternativas caseiras – e ineficazes – para a cura. Por mais ingênuas ou ineficazes que sejam, as narrativas fantasiosas da desinformação retornam de forma cíclica, talvez por atenderem a anseios muito arraigados da humanidade.

Nesse sentido, um aspecto que anda de mãos dadas com a desinformação é a crença religiosa: nela, a natureza *sui generis* da relação com a divindade sugere um processo mágico de superação das dificuldades terrenas, o que dá ampla margem para a busca de soluções milagrosas. Dada a sua forte influência sobre o pensamento

conservador contemporâneo, a religião, entendida como relação com o sagrado, será o tema do próximo tópico.

Pensamento religioso e desinformação

A religião tem uma presença indelével sobre a história da humanidade. Por milênios ela se colocou como uma força definidora dos rumos da raça humana (PONDÉ, 2018), e é entendida aqui no sentido de relação entre o homem e a divindade. As racionalidades grega e renascentista conviveram lado a lado com a explicação mística de deuses e outras entidades que superam a capacidade humana de entendimento. Reconhecidamente importante como fator de civilidade e socialização, a religião também é muitas vezes um problema para a racionalidade e o método científico (DAWKINS, 2007; HARARI, 2016).

Neste artigo entendemos o misticismo como a relação que se estabelece entre o ser humano e a transcendência, na linha concebida por Pondé (2018) para entender a espiritualidade. Por religião, entendemos as formas de organização social da relação com o divino. O misticismo tem um sentido mais amplo, abrangendo todas as manifestações de caráter transcendental com a divindade. A religião está vinculada à materialidade das instituições, na linha trazida pela compreensão de Harari (2016) sobre a função de organização social inerente às religiões.

A ideia de um deus onipotente e onisciente não encontra lugar na visão de mundo de boa parte dos pensadores céticos que desenharam a racionalidade moderna. E a ideia de um mundo que evoluiu sem o sopro divino também não se coaduna com o pensamento religioso – ao menos o das três grandes religiões monoteístas do mundo – judaísmo, cristianismo e islamismo. O pensamento místico, em geral, convive com naturalidade com as explicações de caráter fantástico, como os milagres e as origens divinas de seres e entes os mais diversos, e a noção de uma alma imortal, que é completamente estranha à explicação biológica (HARARI, 2016).

A persistência do pensamento religioso entre as pessoas não religiosas ou que se dizem adeptas do pensamento racional não é pequena. Alguns estudiosos da *psique* humana demonstraram essa persistência. Freud, por exemplo, descreveu os mecanismos ritualísticos de certas neuroses, equiparando-as a manifestações de desejos reprimidos no

nível individual (FREUD, 2006). Da religião, ele faz o diagnóstico de que seria manifestação regressiva no nível da cultura, em busca da proteção das figuras paternas, figuras essas que são transferidas para a figura da divindade (FREUD, 1996). Em outras palavras, o indivíduo desenvolve manias e rituais para tratar sua carência, enquanto a sociedade trata da mesma carência canalizando-a para os rituais religiosos.

Mircea Eliade faz uma interpretação semelhante ao analisar os rituais de culturas arcaicas. A religião oferece ao homem das sociedades tradicionais o contato com o lado sagrado da existência. Ela o remete ao convívio com os deuses no tempo imemorial do princípio do mundo (ELIADE, 2001). No mundo das sociedades modernas, o aspecto sagrado da existência foi comprimido e realocado na *psique* humana, lá onde Freud identificou o *id*, instância psíquica mais animal de nossa natureza, guiada pelos instintos. Em que pese a crescente racionalização da experiência nas sociedades modernas, marcadas pelo método científico e pela racionalidade técnica, Eliade reconhece a persistência do sagrado nessa instância psíquica, para além das manifestações mais evidentes da religiosidade nos rituais das diferentes congregações.

Seguindo esse raciocínio, misticismo e religião ainda estão muito mais presentes do que se poderia supor como fator que influencia o pensamento e o comportamento das pessoas, mesmo nas sociedades marcadas pela visão laica e pela separação entre o Estado e a religião. Em sociedades como a brasileira, onde essa divisão está ainda submetida a Deus, conforme inscrito na Constituição Federal, há mais razão ainda para supor que a religião e o pensamento místico se fazem presentes.

Martino (2017) aponta para a complexa relação entre o pensamento religioso e os meios de comunicação de massa, como também as mídias sociais, ajudando-nos a avaliar a força da religião no contexto da nova ecologia midiática. Percebe-se que o pensamento místico e religioso se ressignifica nesse ambiente, agora numa configuração que abarca as formas e linguagens midiáticas. A necessidade humana de buscar a transcendência e ressignificar a realidade em termos da relação com o divino persiste e dá sentido às experiências, independentemente do contexto.

O papel do pensamento místico e religioso na construção das narrativas sobre a Covid-19 se soma ao ambiente hostil à ciência e ao jornalismo que marcam o momento presente. A explicação fantástica ou sobrenatural para os fenômenos desencadeados pela

eclosão de uma nova ameaça muito provavelmente originária da natureza remete historicamente à culpa e à necessidade de expiação, conforme o pensamento cristão em geral e católico em particular (PONDE, 2018).

Na tradição católica, cuja narrativa está consignada na Bíblia, o homem peca contra a natureza, o que acende a ira de Deus. A ira divina precisa ser aplacada, e os rituais são mobilizados para essa tarefa. Esse roteiro básico para a relação entre causa e consequência dos males da humanidade vem sendo aplicado sempre que alguma peste se abate sobre as sociedades, e sua persistência na crise do novo coronavírus é notória.

Mas o pensamento místico não se resume aos rituais católicos. Ele está disseminado em diversas formas da relação do homem com a realidade imaterial, e nas culturas que foram dominadas pela tradição católica e pelas sociedades ditas modernas. Estudiosos da história da religião (ELIADE, 1999; 2001; PONDE, 2018) mostram que a dimensão mística é um componente essencial da natureza humana, por mais que o laicismo e a noção de progresso tenham atenuado a presença da espiritualidade na cultura aparente.

Em visada voltada para os fenômenos da comunicação midiática, Luís Sá Martino (2017), mostra como a religião vem ocupando os espaços da mídia e se constituindo em poderoso meio de expressão dos anseios individuais numa época marcada pelas incertezas.

A persistência do pensamento místico remete a outras formas de racionalidade e de entendimento da realidade e do papel do homem no universo. Formas que são paralelas e marginais, muitas delas tendo sido descartadas pelo avanço técnico e científico, e que no entanto seguem fazendo parte dos rituais de milhões de pessoas no mundo inteiro. Uma dessas formas de conhecimento é aquela que se baseia no senso comum, na experiência que passa de geração a geração, o mais das vezes por meio da oralidade e dos laços familiares e afetivos. Um saber que é preciso olhar mais de perto, para compreender sua força e poder de resiliência. É o que faremos no próximo segmento.

Senso comum e conhecimento científico

Assim como o pensamento religioso, o senso comum também mobiliza uma lógica particular de entendimento da realidade, que nem sempre contribui para a

circulação de informações confiáveis. Aqui entendido como o conhecimento não científico e baseado na tradição (DEMO, 1995), o senso comum tem se mostrado um aliado da desinformação no enfrentamento da pandemia da Covid-19.

Mas nem todo senso comum está em princípio contrário ao entendimento razoável acerca da realidade. O que distingue o olhar baseado nele é a falta de aprofundamento sobre causas e consequências, o que em princípio não desqualifica o senso comum como forma de conhecimento do mundo. O uso cotidiano que fazemos de uma sabedoria baseada na tradição e na experiência acumulada é a prova maior da validade do conhecimento permitido pelo senso comum, e o aproxima da “ordem imaginada” de Harari (2016).

Stengers (2002) reflete sobre os aspectos constitutivos da ciência e como ela foi perpassada pelo saber do senso comum desde os primórdios. Ela nos auxilia a entender a relação conflitiva entre a visão científica e o senso comum, ao mesmo tempo em que ressalta suas afinidades também constitutivas. De fato, há verdade científica também no senso comum, quando este observa a natureza e se atém às relações causais. O senso comum, fortemente embasado na oralidade e na tradição, também oferece explicações alternativas para a relação entre o homem e a natureza, assim como evidencia o choque entre o saber institucionalizado e o saber não formal. Isso nos auxilia a entender as tensões permanentes entre a visão do senso comum e a da ciência.

Justamente por sua presença cotidiana e seu valor para validar os fatos mais corriqueiros do dia a dia é que o senso comum pode representar um obstáculo para o conhecimento científico. Ao se mostrar como alternativa mais simples de entendimento, ele se coloca como uma opção atraente para a solução de problemas que por sua própria natureza são complexos.

A dificuldade de as pessoas acompanharem as explicações que envolvem números e estatísticas é um exemplo da cilada que as explicações simples podem representar. Mathew D’Ancona (2018) mostra como as explicações baseadas na fria lógica dos números não foram bem-sucedidas para convencer os britânicos a permanecerem na União Europeia.

As pessoas simplesmente acham as explicações baseadas em dados estatísticos “chatas”, e não estão dispostas a dar-lhes mais atenção do que costumam dar a outros

temas “chatos” da *timeline* de seu celular. Em contrapartida, o que seria uma comunicação atraente?

O que o senso comum considera atraente, ainda segundo D’Ancona, seria uma mensagem que conta boas histórias e cativa por meio delas. Nada de tabelas e gráficos com incontáveis dados numéricos ou explicações muito abstratas sobre os fenômenos, portanto. Elas podem até estar absolutamente corretas do ponto de vista da ciência, mas não conseguirão chegar até o público-alvo.

No caso de crises sanitárias, a questão que se coloca é justamente chegar ao público e influenciar seu comportamento, para que adote as medidas que só serão efetivas se forem observadas pela maioria da população. Dessa forma, é preciso levar em conta que o senso comum tem uma lógica própria de apreciação e absorção das mensagens e que tal lógica precisa ser entendida e trabalhada pelos que se propõem a levar conhecimento qualificado sobre a pandemia à população. D’Ancona propõe que o jornalismo deve chegar ao público por meio de uma “verdade ressonante”:

Os que contam a verdade devem falar para os corações e também para a mentes. Com isso, não quero dizer que as matérias jornalísticas devam ser escritas no idioma da ficção, ou que analistas financeiros tenham agora de se expressar em versos alexandrinos. (...). O que quero dizer (...) é que a verdade será abafada ao menos que seja ressonante (D’ANCONA, 2018, p. 114-115).

Ao considerarmos o senso comum no quadro de disseminação de desinformação, estamos ainda no terreno da boa-fé, do eventual acerto, do engano e da eventual ignorância. Mas a desinformação tem também outra face, e nada ingênua. Além de ser eventualmente o resultado da mistificação religiosa e do entendimento limitado do senso comum, a desinformação pode ser também o resultado intencional de uma atitude lesiva. É sobre isso que nos deteremos a seguir.

O “mal” em si: quando a desinformação é intencional

A última dimensão do fenômeno desinformativo em que nos detemos é aquela em que há intenção deliberada de espalhar desinformação. Trata-se de desinformar como

estratégia de informação, com vistas aos mais diversos objetivos, que são via de regra ocultados da opinião pública – poder, dinheiro, fama, ideologia etc.

Aqui não se trata de fé, ingenuidade, engano ou ignorância, mas de intenção. Em termos jurídicos, aqui temos “dolo”; nas outras formas, vistas previamente, teríamos apenas “culpa”. Tanto o dolo como a culpa podem estar na raiz de crimes e delitos, mas grosso modo a culpa está presente quando não há intenção de fazer o mal; no dolo, a intenção existe, seja ela plena ou parcial (REALE, 2004).

No fenômeno da desinformação também há situações em que não existe qualquer intenção de praticar o mal ou lesar terceiros, mas mesmo aqui haverá consequências palpáveis no mundo real. Aqui teríamos aquelas ações que são feitas de boa-fé, para supostamente ajudar alguém, como é o caso das mensagens falsas sobre promoções vantajosas que circulam nas correntes de WhatsApp, e que se revelam iscas para a obtenção de dados que são utilizados para golpes e fraudes.

Apesar das boas intenções, ou eventual ingenuidade acerca dos fatos, as mensagens criadas sem a dimensão da maldade são também fatos no mundo e como tal podem gerar consequências, boas ou más, e por isso devem ser criteriosamente medidas e avaliadas antes de serem enunciadas e disseminadas. Daí a insistência das campanhas que combatem a desinformação em recomendar que não se repasse nada se não houver certeza do que está sendo repassado (UNESCO, 2019).

Para voltarmos à metáfora jurídica, mesmo os crimes culposos recebem pena, embora eventualmente minorada pela falta de intencionalidade... Em outras palavras, não se pode alegar ignorância generalizada sobre fatos básicos da vida em sociedade para evitar as consequências de nossos próprios atos ingênuos ou irresponsáveis.

O grau de complexidade das sociedades contemporâneas fez de cada gesto no globo um evento potencialmente significativo para todo o planeta, de forma que a educação em geral e a educação para a mídia em particular são necessidades prementes, que precisam de atenção redobrada, sobretudo nos países em desenvolvimento, como é o caso do Brasil.

A culpa, prosseguindo na metáfora jurídica, é fator que até pode diminuir, mas não exime o culpado da pena, porque a culpa implica erro e consequência no mundo e o erro e a consequência no mundo implicam punição. Daí a necessidade de agir de maneira

consciente diante das redes sociais, que são hoje a interface onipresente que conecta os indivíduos entre si: aprender a distinguir entre opinião e informação, a identificar mensagens suspeitas, a questionar as fontes das informações – todas atitudes da ordem da educação para a mídia, e que podem servir no combate à desinformação originada da crença, do erro ou da ingenuidade, mas calcadas na boa-fé.

Mas há igualmente, na desinformação, uma série de situações em que o dolo ou má intenção está presente, e das quais resultam consequências desastrosas para o mundo real. Nesse ponto, se enquadram as ações deliberadas dos grupos que constroem e disseminam *fake news* com objetivos políticos, econômicos ou ideológicos, distorcendo informações, criando dados e perfis falsos e mentindo descaradamente para defender uma “agenda” própria.

Esse “mal” em estado puro, que chamaremos aqui de “intencionalidade estratégica”, também está presente no fenômeno da desinformação, e representa talvez o maior desafio para todos os que a combatem. Desde que a pandemia da Covid-19 teve início, diversas mensagens desinformativas que circularam no país foram deliberada e intencionalmente criadas para confundir, enganar e prejudicar setores da opinião pública. Com a ajuda da tecnologia disponível para disseminar e replicar informações (SHAO *et al.*, 2017) – os chamados “robôs” ou “bots” –, essas mensagens são fonte importante para a população em geral e acabam por ter impacto desastroso sobre a saúde pública. A Comissão Parlamentar de Inquérito instalada no Congresso Nacional brasileiro para investigar responsabilidades sobre a pandemia traz amostras de conteúdo desinformativo pertencente a esta “cepa”, de mensagens criadas deliberadamente para espalhar desinformação.

Informações prestadas na CPI mostram o envolvimento de diversas pessoas que receberam recursos públicos para alimentar a desinformação sobre a pandemia no país, entre elas jornalistas e colunistas consagrados. A revelação sobre o financiamento dessa rede de disseminadores de desinformação reforça o elo econômico que mantém viva a disseminação do “mal” por veículos da grande imprensa e da mídia alternativa (UOL, 2020).

Mas se há duas faces na desinformação em termos morais – uma ingênua e outra maligna –, elas quase nunca se distinguem de forma clara quando vêm à luz. Nesse

sentido, elas se configuram como na interpretação de certas tradições religiosas e filosóficas que concebem o entrelaçamento de bem e mal de forma inextricável, como duas faces da mesma moeda. Esse entrelaçamento é o que buscamos desembaraçar no próximo segmento, ao descrevermos e analisarmos o *corpus* da pesquisa.

Descrição e análise do *corpus*

A pandemia da Covid-19 tem sido o cenário para diversas formas de desinformação. Desde o início da crise sanitária, multiplicaram-se de maneira exponencial as *fake news* e as narrativas fantasiosas sobre todos os temas afins – origem do vírus, número de casos e de óbitos, medicamentos, vacinas etc.

Um elemento recorrente nas mensagens desinformativas sobre a pandemia são as receitas caseiras que garantem a prevenção ou a cura para a Covid-19. Neste segmento, analisaremos, com base na metodologia da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2009), cinco mensagens sobre curas à base de receitas caseiras – chás, poções, beberagens, sopas, alimentos etc. O *corpus* é constituído por mensagens que foram submetidas a verificação no site NUJOC Checagem, ação de extensão vinculada à Universidade Federal do Piauí.

Sobre a metodologia empregada, a Análise de Conteúdo é uma técnica de caráter quantitativo e qualitativo, na qual a interpretação está baseada na frequência e teor dos fenômenos observados. Eles são organizados em categorias de análise, elaboradas pelo analista com base na observação empírica. Em nossa investigação, enfatizamos o caráter qualitativo, para que possamos aprofundar a descrição e interpretação propostas. As categorias de análise consistem nos três conceitos abordados previamente, assim designadas: “pensamento religioso”, “senso comum” e “intencionalidade estratégica”. As checagens foram escolhidas com base nas palavras-chaves relativas às receitas, e o número de cinco checagens foi estipulado para possibilitar a interpretação aprofundada de cada exemplo.

Na presente análise, forma e conteúdo das mensagens serão descritas e analisadas, buscando-se compreender o contexto de produção e circulação dessas mensagens. Busca-se mostrar, ao final, a incidência de motivos religiosos, de motivos ligados ao senso comum e de motivos maliciosos na origem dessas mensagens. Para tanto, a análise está dividida em dois aspectos: texto, que remete à dimensão da mensagem,

incluindo seus elementos verbais e não-verbais, como traços sintáticos e semânticos, organização textual, imagética etc.; e contexto, que remete aos elementos extra-textuais, do chamado “mundo da vida”, que abrange as circunstâncias em que a mensagem circulou – data, fase em que se encontrava a pandemia, contexto político, veracidade ou não da mensagem etc. Assim, grosso modo, temos do lado do texto os aspectos formais e do lado do contexto os aspectos de conteúdo. A interpretação que propomos resulta da conjugação entre ambos.

Mensagem 1: Água tônica

Texto: A mensagem circulou no Twitter e defende que é possível prevenir a infecção pelo novo coronavírus pela ingestão de água tônica. Mostra uma mulher comprando água no supermercado; indagada sobre o que está fazendo, ela afirma que a água tônica tem quinino, base da cloroquina. E sentencia: “Isso, a Globo não te conta”.

Contexto: A desinformação circulou logo no início da crise sanitária, em 14 de abril, e a checagem tem data de 15 de abril. À época se especulava sobre a eficácia da cloroquina na prevenção e tratamento da Covid. A mensagem recebeu o selo de conteúdo “falso” após a verificação. O endereço da checagem é o seguinte: <https://nujocchecagem.com.br/agua-tonica-nao-combate-a-covid-19/>

Interpretação proposta: A mensagem sobre os benefícios da água tônica para prevenir a Covid-19 se ancora na suposta presença de um componente químico na fórmula do produto, o quinino, que seria a base da cloroquina. Tida como possível medicamento para a doença do novo coronavírus, a cloroquina foi descartada como medicamento contra o novo coronavírus nos meses seguintes pelos médicos alinhados com a ciência.

Nesse tipo de mensagem, ficou em primeiro plano a denúncia de um suposto complô da grande mídia para esconder a informação. Personificado pela Rede Globo, o “mal” estaria no outro lado: a grande mídia e o sistema não querem que as pessoas descubram o poder curativo da água tônica.

A mensagem parece apontar para o sentimento – latente e sempre pronto a se manifestar entre parcelas da população – de que o governo e os grupos de interesse estão empenhados em esconder a verdade sobre a pandemia. A pessoa que enunciou a

mensagem faz uso das mídias sociais como forma de trazer a verdade à luz, dessa forma quebrando o domínio da mídia hegemônica.

Aqui, parece, o erro de julgamento e a malícia eventual se juntam com as teorias da conspiração, para compor a narrativa. A crença de que o quinino pode curar por ser da mesma natureza que a cloroquina, oriunda do senso comum, é completamente descartada pelos especialistas ouvidos na checagem. Agressividade e comportamento afirmativo, por outro lado, remetem às estratégias de grupos empenhados em produzir e divulgar desinformação.

Mensagem 2: Chá de boldo com limão

Texto: Mensagem de áudio em que mulher não identificada afirma que o chá de boldo com limão teria a capacidade de combater a infecção pela Covid. A mulher diz ter recebido a dica de um casal de amigos que se curou ingerindo o chá: “Ela relata que recebeu um vídeo de um casal de São Paulo que teria contraído o coronavírus, foi a um hospital e não teve apoio: ‘Eles voltaram para casa e pediram a direção de Deus. E o senhor ensinou... mandou eles fazer chá de boldo’”.

Contexto: Circulou no início da pandemia, com data da checagem de 20 de maio de 2020, e foi classificada como falsa pela verificação efetuada da equipe do NUJOC. O endereço da checagem é o seguinte: <https://nujocchecagem.com.br/cha-de-boldo-nao-cura-a-covid-19/>

Interpretação proposta: A mensagem sobre os supostos benefícios do chá de boldo para prevenir ou curar a Covid-19 mobiliza a crença ancestral da população em torno das curas tradicionais. Agrega a isso a crença em Deus, que é indicado como a fonte da mensagem. Os elementos presentes na mensagem deixam entrever o tom de “boa-nova” do que está sendo transmitido, uma dica que tem a chancela da divindade.

É de se destacar que a cura supostamente proporcionada pelo chá é rápida: depois de três horas “os sintomas caíram por terra”. Algo que remete a um efeito miraculoso, e que parece responder ao momento da pandemia até então, quando pouco ainda se sabia sobre o vírus. A simplicidade da receita – que especifica apenas que tem de ser o boldo “da folha larga, o boldo tradicional” – também parece contribuir com seu apelo. Afinal, um chá de boldo costuma ser indicado para “qualquer coisa”, não é mesmo? Por que não

o indicar também para a Covid-19? As beberagens e chás são bastante comuns na tradição popular, e muitas delas possuem forte caráter religioso.

O raciocínio é o de que, se não fará bem, o chá de boldo com limão também não fará mal. Esse raciocínio está completamente equivocado, como mostram as fontes ouvidas pela checagem da matéria. O “mal” que subjaz a esta mensagem está tanto nos efeitos deletérios que a bebida pode causar como no atraso que pode acarretar ao correto diagnóstico e tratamento da Covid-19. Sobre a motivação dos que elaboraram e fizeram circular a mensagem, só é possível especular: ela pode ter sido tanto o resultado da ingenuidade e da crença como da má-fé.

Mensagem 3: Suco de maçã, inhame e água de coco

Texto: Trata-se de mensagem de áudio que circulou pelo WhatsApp. Garante que a receita indicada foi a responsável pela erradicação da Covid em cidade “do Mato Grosso”. Diz o locutor da mensagem: “Lá nesse município lá de... do Mato Grosso não tem mais caso de coronavírus, e o tratamento lá é esse, um tratamento muito eficaz”.

Contexto: A mensagem foi checada em 25 de maio pelo NUJOC e seu conteúdo classificado como falso. Endereço da checagem: <https://nujocchecagem.com.br/suco-de-maca-inhame-e-agua-de-coco-e-ineficaz-contra-a-covid-19/>

Interpretação proposta: A mensagem sobre os efeitos curativos do chá de inhame com coco e maçã picada remete ao tipo de cura presente no chá de boldo com limão, que analisamos previamente. Aqui temos um dos elementos típicos das mensagens que envolvem as receitas milagrosas contra a Covid-19: elas são intercambiáveis, agregam elementos, transformam-se e voltam à luz, de tempos em tempos. Também esta mensagem circulou novamente durante o período da pandemia: o site NUJOC possui duas checagens sobre este tema, uma de 25 de maio de 2020, outra de 20 de abril de 2021.

O caráter cíclico das mensagens com receitas milagrosas é conhecido das equipes de checagem de *fake news*. Mudam-se alguns dados, atualizados conforme o contexto, e as mensagens voltam a circular. No caso, a variação aqui foi de um dos elementos da receita, “inhame” na mensagem analisada, “macaxeira” na mensagem de 20 de abril de 2021. Ambas são tubérculos, nenhuma delas eficaz contra a Covid-19,

conforme demonstraram as checagens efetuadas pela equipe do NUJOC nas duas ocasiões.

Destaca-se, na mensagem falsa sobre a receita de inhame, maçã e água de coco, a simplicidade da fala e da abordagem do enunciador – que se autoneia “Toninho Piloto” e que descobriu a receita ajudando o sogro que teria pegado uma virose. A cura do coronavírus entra como um bônus na história, pois o sogro sofria de outros males, foi curado deles com a receita, que também curou todos da cidade “do Mato Grosso” da Covid-19. É saber popular mesclado a recomendação científica, tudo embalado na fórmula do “ouvi dizer”.

Mensagem 4: Bicarbonato, limão e água quente

Texto: Em vídeo, pastor evangélico afirma que fazer gargarejo de bicarbonato de sódio, misturado com água quente e limão, livrou Israel da pandemia do novo coronavírus. Afirma também que a mensagem foi-lhe repassada por um amigo que esteve em Israel: “Os judeus, eles mandaram essa receita para todo cidadão de Israel”. E conclui: “Eu quero que o Brasil saiba disso”.

Contexto: A mensagem foi verificada pelo site NUJOC Checagem em 10 de junho de 2020 e classificada como falsa. À época Israel ainda estava adotando medidas de contenção da pandemia. O checagem pode ser acessada no seguinte endereço: <https://nujocchecagem.com.br/bicarbonato-nao-salvou-israel-da-pandemia/>

Interpretação proposta: O limão é um dos frutos que mais aparecem nas mensagens de receitas para prevenir ou curar a infecção e a doença do novo coronavírus. Como se sabe, a fruta vem sendo usada há milênios por suas propriedades medicinais, e talvez por essa razão ele encontre lugar privilegiado no receituário das mensagens falsas sobre a pandemia. Talvez aqui tenhamos o sentimento ancestral de um remédio universal, indicado para todos os males.

Em termos de forma, a mensagem se assemelha às anteriormente analisadas: apela para o emocional, com linguagem superlativa, cheia de exageros; em termos de conteúdo, a mensagem não apresenta provas do que afirma, e recorre a fontes não confirmadas e anônimas para embasar o que afirma.

Um diferencial neste caso é a filiação religiosa explícita buscada pelo enunciador da mensagem: pastor de igreja evangélica, ele menciona com ênfase a origem geográfica da receita: Israel. Terra sagrada para diversas tradições religiosas, como se sabe – e isso ele nem precisa mencionar. A crença religiosa na cura divina é o que distingue a Mensagem 4 das demais. Aqui temos a menção à divindade como espécie de chancela para que o interlocutor se convença da legitimidade da receita. Religião e senso comum entrelaçados na mesma receita.

Mensagem 5: Alho, limão e açafrão da terra

Texto: Um pastor não identificado afirma que alho, limão e açafrão da terra são eficazes para combater a doença do novo coronavírus. O enunciador da mensagem se diz médico e também menciona a Bíblia ao defender a eficácia da receita.

Contexto: A checagem da mensagem tem data de 29 de junho de 2020. Ela foi classificada como falsa pela equipe do NUJOC. Endereço: <https://nujocchecagem.com.br/pastor-traz-informacoes-falsas-ao-afirmar-que-alho-e-outros-alimentos-curam-a-covid-19/>

Intepretação proposta: O autor da mensagem falsa, nesse caso, usa de sua suposta autoridade como suposto médico para recomendar a receita. Ele também faz menção à Bíblia, buscando com isso reforçar ainda mais sua autoridade – de um lado a medicina, de outro Deus. Nenhum dos medicamentos que menciona são eficazes contra o novo coronavírus, conforme checagem efetuada pelo site. Mas é interessante notar como, apesar de não ter comprovação científica, há algumas sinalizações para a eventual possibilidade de cura.

O raciocínio aqui, novamente, parece ser o de que se o alho, o limão e o açafrão funcionam para outras moléstias – como de fato funcionam –, não seria mal utilizá-los para prevenir ou tratar a Covid-19. Note-se a junção entre ciência e religião na mensagem original, conforme destacado no texto da checagem. Este é um dado também recorrente nas mensagens falsas que circularam desde o início da pandemia.

A figura de autoridade representada pelo médico tem sido amplamente utilizada para reforçar a eficácia das receitas, seja pela boca de terceiros, seja pela dos próprios médicos que optaram pela via dos tratamentos não-convencionais para a Covid-19

(GRANEZ; CARVALHO, 2020). Nesses casos, religião e senso comum – e eventualmente a malícia – se travestem de conhecimento científico para espalhar desinformação.

Quatro proposições de leitura

Com base na descrição e análise expostas previamente, apresentamos neste item quatro propostas de interpretação para as mensagens sobre cura para a Covid-19, considerando os tipos de receitas milagrosas encontradas no *corpus*. Elas não esgotam a interpretação, claro, mas ajudam a delinear o quadro geral que encontramos na análise empírica.

A chancela da divindade

Primeiramente, observa-se no *corpus* analisado a presença do componente religioso nas mensagens sobre receitas para a Covid-19. Esse componente, explícito em pelo menos três delas – as mensagens 2, 4 e 5 –, parece implicar um reforço de ordem sobrenatural à receita. Na primeira, Deus, de forma geral; na segunda, a autoridade de Israel, nação do “povo escolhido” por Deus; na segunda, a autoridade da Bíblia. Os proponentes das receitas 4 e 5 ostentam ou dizem ostentar títulos de pessoas ligadas à religião como parte integrante das suas mensagens.

O apelo da religiosidade e do misticismo em tempos de crise é bastante conhecido, como visto previamente na discussão conceitual. No caso da Covid-19, a religião tem servido como consolo para os que perderam seus entes queridos, mas também como parte do apelo das narrativas fantasiosas sobre medicações sem eficácia comprovada.

Para além disso, as mensagens identificadas nesse bloco parecem evidenciar a necessidade de dar sentido aos fenômenos com base na crença e na fé em uma realidade transcendental. Essa necessidade nos remete à persistência do pensamento místico e religioso, agora no contexto midiático: diante da incerteza representada pela pandemia, a fé se manifesta ainda mais fortemente.

Propomos, nesse contexto, a primeira categoria de análise das *fake news* sobre receitas milagrosas, que designaremos como “A chancela da divindade”: a receita

indicada tem a marca da divindade em seu poder miraculoso de cura, e a mensagem elaborada fala pela boca dos profetas que espalham a boa-nova para o povo assolado pela peste.

A persistência da tradição

Sobre as *fake news* que têm por base de sustentação as noções simplistas e tradicionais do senso comum, elas se reúnem sob o signo da identidade rural e do passado tradicional. Nem sempre partem de informações equivocadas, mas parecem incorrer no juízo apressado da confirmação prévia e das generalizações sem base de dados. Essas mensagens apresentam por vezes o testemunho anônimo e a aparente boa-fé das “dicas” e “conselhos” de antigamente, passados de boca em boca antes da era das redes sociais digitais. “Se fez bem para meu parente, por que não faria para outros, não é mesmo? E, se bem não fará, mal também não vai fazer...”: eis o que parece implícito nessas narrativas.

Importante observar que a mensagem sobre “água tônica”, que também interpretamos como baseada em parte no senso comum, tem ainda um outro viés: ela aponta para teorias da conspiração, ao sugerir que os poderosos e a mídia sabem que a água tônica funciona para combater a Covid, mas não o revelam por interesse ocultos e malévolos.

A crença no poder curativo mágico das receitas caseiras remete ao conhecimento tradicional e a um país que ficou esquecido, no campo e nas matas. Talvez retire daí mesmo seu poder de disseminação. Sem esquecer que, além de um consolo para a situação aflitiva de uma doença desconhecida e fatal, a receita caseira tem a vantagem adicional de ser absolutamente acessível para toda a população. Seus ingredientes não requerem grande dispêndio, e alguns são de fato encontrados no quintal de quase toda casa de família no Brasil, como os onipresentes limões, que são citados em três das cinco receitas caseiras analisadas. Ancorada nesses elementos, a tradição persiste.

A natureza invisível do mal

A natureza do mal, por si só, o torna um elemento de difícil visualização: dada a carga negativa associada ao mal, ele é da ordem do oculto que por definição. No *corpus*

analisado, o mal, que designamos como “intencionalidade estratégica”, não se mostra de forma explícita, mas sobretudo nas entrelinhas. Por entrelinhas queremos dizer o contexto em que as mensagens foram produzidas: contexto de agravamento crescente da crise sanitária e de perdas humanas incalculáveis. Nenhuma das mensagens assumiu más intenções ao ser formulada: pelo contrário, todas elas estariam fundadas na boa-fé de quem as enunciou: o religioso que traz a boa nova para os fiéis, a pessoa comum que descobriu algo maravilhoso e quer repartir com os demais, o sujeito que descobriu uma conspiração do “sistema” ou da “mídia” e quer denunciar os conspiradores e gritar a verdade para que todos a conheçam.

No que diz respeito às intenções declaradas, o mal não existe, pelo menos não como motivador explícito dos enunciadores das receitas milagrosas analisadas. Os outros, esses sim, são maus, por esconderem a verdade, como sugere a *fake news* sobre a água tônica.

A intencionalidade estratégica que caracteriza o mal se encontra sobretudo naquilo que não é dito, mas que é feito efetivamente no processo de criação e disseminação das *fake news*, e que corre de forma subterrânea em boa parte dos casos. Disfarçado das boas intenções, misturado aos conselhos sinceros e às recomendações obtusas, a intenção dolosa, como parte inerente da desinformação, não costuma se assumir como tal. A natureza dissimulada de sua própria natureza a torna eficaz. Ninguém diz ao enunciar as receitas supostamente milagrosas que elas levarão à doença ou à morte, ou que causarão sofrimento se forem ingeridas. Alguns por misticismo, outros por ignorância, e outros ainda por maldade. Mas estes buscam a invisibilidade.

O caráter cíclico da desinformação

Por fim, também é possível observar a relação entre as mensagens e um contexto de agravamento da pandemia. As receitas para a Covid-19 circularam sobretudo na fase inicial da crise sanitária, quando o conhecimento sobre a doença ainda engatinhava. À medida que o conhecimento sobre o vírus e os testes para obter vacinas foram avançando, ao longo de 2020, as *fake news* sobre receitas milagrosas foram perdendo paulatinamente seu apelo, e dando lugar a *fake news* sobre vacinas. Mas é importante registrar que as receitas milagrosas não cessaram de ser produzidas e disseminadas durante todo esse

período. No *corpus* analisado, por exemplo, temos uma dessas receitas que circulou logo no início da pandemia e voltou um ano depois, ligeiramente modificada: a receita de mandioca, maçã e limão, transfigurada em inhame, maçã e limão cerca de um ano depois.

A recorrência de narrativas sobre receitas milagrosas para a Covid-19 pode estar vinculada tanto às agendas de grupos que buscam deliberadamente confundir a opinião pública como ao comportamento não malicioso dos que alimentam as redes com suas crenças religiosas, superstições e conhecimento do senso comum. A simplicidade formal com que são elaboradas e a amplitude de benefícios abarcada pelas receitas milagrosas as tornam veículos ideais e intercambiáveis para a propagação de narrativas fantasiosas – algo na linha das previsões astrológicas, que sempre podem ser adaptadas às necessidades subjetivas de quem consulta os astros, e respondem mais às necessidades afetivas do sujeito do que a seus males objetivos.

Deus e a sabedoria popular estão sempre disponíveis nas ervas, chás, unguentos e demais formas tomadas pelas receitas milagrosas, e são via de regra bem mais acessíveis do que as alternativas ligadas à racionalidade, que exigem longo caminho de estudos e abdicção, e custam caro também em termos financeiros.

Na pandemia da Covid-19, chás, unguentos e ervas têm circulado com renovada força, em um cenário em que o conhecimento científico e o laicismo perdem espaço para o fundamentalismo religioso e ideológico, e em que as verdades mais elementares da ciência – como a de que a Terra é redonda e a de que as vacinas previnem e curam doenças – precisam ser provadas novamente para grandes parcelas da população brasileira e mundial. Enquanto isso, o mal espreita, dissimulado.

Considerações finais

Neste artigo, lançamos um olhar sobre a desinformação acerca da pandemia da Covid-19. Deparamos inicialmente com o conceito de desinformação e suas características. Nesse ponto, mostramos como a desinformação é um fenômeno em que atuam múltiplas variáveis, que vão da boa-vontade do pensamento religioso e do senso comum até as más intenções dos que deliberadamente constroem informação prejudicial de forma deliberada.

Buscamos entender, na sequência, como a religião, o senso comum e a má-fé – ou intencionalidade estratégica – se articulam como causas da desinformação. Nesse ponto, consideramos as contribuições de estudiosos da religião e da epistemologia da ciência, a fim de situar esses conceitos em sua relação de forças com a desinformação.

A discussão epistemológica inicial foi seguida pela análise de mensagens sobre receitas milagrosas para a prevenção e cura da Covid-19, retiradas do site NUJOC Checagem. Nesse ponto, descrevemos cinco narrativas sobre receitas milagrosas contra a Covid nas dimensões da forma e do conteúdo, utilizando os três conceitos abordados previamente – religião, senso comum e intencionalidade estratégica – como categorias de análise. Analisando o *corpus*, foi possível perceber parte da dinâmica que subjaz à criação e disseminação das *fake news* sobre a Covid-19, no tocante às categorias de análise.

Com base na análise do *corpus*, elaboramos ao fim quatro proposições para interpretar os dados da investigação, assim nomeadas: a. A chancela da divindade; b. A persistência da tradição; c. A natureza invisível do mal; d. O caráter cíclico da desinformação. Essas proposições buscam firmar a interpretação e propõem uma chave de leitura dos fenômenos descritos. Nesses enunciados, de forma sintética, buscamos definir como se configuram e operam as mensagens desinformativas analisadas, considerando as categorias de análise previamente definidas.

É fato que a desinformação acabou por se configurar também numa epidemia, como querem Posetti e Bontcheva (2020). A “infodemia”, ou pandemia da desinformação, precisa ser enfrentada em seus próprios termos, para que possamos superar os muitos descaminhos que se abriram para a criação e disseminação de desinformação desde o início da pandemia do novo coronavírus. Ao refletirmos sobre o papel que a religião, o senso comum e a intencionalidade estratégica podem desempenhar na construção de mensagens desinformativas, esperamos também ter contribuído no combate à pandemia da desinformação.

Referências

ANDERSON, C.W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**, São Paulo, n. 5, ano 2, abr. mai. jun. 2013, p. 30-89. Trad. Ada Félix.

BARBOSA, Marialva Carlos. Gripe espanhola: fluxos encadeados de memória e lapidação das lembranças. **RECIIS - Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, p. 820-831, out./dez. 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Portugal: Edições 70, 2009.

DALMAZO, C.; VALENTE, J. C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. **Media & Jornalismo**, v. 18, n. 32, p. 155-169, 2018. Disponível em: < https://doi.org/10.14195/2183-5462_32_11>. Acesso em: 20 jun. 2020.

DANOWSKI, Debora. CASTRO, Eduardo Viveiros de. **Há mundo por vir?** Ensaio sobre os medos e os fins. Florianópolis: Desterro, 2014.

DAWKINS, Richard. **Deus, um delírio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

D'ANCONA, Matthew. **Pós-verdade: a nova guerra contra os fatos em tempos de Fake News**. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DEMO, Pedro. **Metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1995.

ELIADE, Mircea. **Mefistófeles e o andrógino: comportamentos religiosos e valores espirituais não-europeus**. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. Trad. Ivone Castilho Benedetti. 232p.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Trad. Rogério Fernandes. 191p.

FREUD, Sigmund. O futuro de uma ilusão. In: **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

FREUD, Sigmund. **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

GOMES, Wilson. **Crônica de uma tragédia anunciada**. Como a extrema-direita chegou ao poder. Salvador: Sagga, 2020.

GRANEZ, Marcio da Silva; CARVALHO, Cristiane Portela de. Informação versus Desinformação: a Crise Sanitária da Covid-19 e o Papel da “Autoridade” Médica na Divulgação de Conhecimentos Científicos. **Revista Brasileira de História da Mídia**, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpi.br/index.php/rbhm/article/view/11614/7222>. Acesso em 02 de abr. de 2021.

HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. 51. ed. Porto Alegre: L&PM, 2020. (Trad. Janaína Marcoantonio) 464 p.

HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. Trad. Paulo Geiger. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. 443 p.

MACHADO, Caio C. Vieira; DOURADO, Daniel. A.; SANTOS, João Guilherme; SANTOS, Nina. **Ciência contaminada**. Analisando o contágio de desinformação sobre coronavírus via Youtube. Instituto Nacional de Ciência & Tecnologia em Democracia Digital, 2020.

MARTINO, Luís Sá. **Mídia, religião e sociedade**: das palavras às redes digitais. São Paulo: Paulus, 2017.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Espiritualidade para corajosos**. A busca de sentido no mundo de hoje. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. 188 p.

POSETTI, Julia; BONTCHEVA, Kalina. **Desinfodemic**: deciphering COVID-19 desinformation. Paris: Unesco, 2020. Disponível em: [UNESCO](#). Acesso em 20 de junho de 2020.

REALE, Miguel. **Lições preliminares de direito**. 27. ed. São Paulo: Saraiva, 2004. 391 p.
SHAO, C. *et al.* The spread of misinformation by social bots. **arXiv**, p.1-16, 2017. Disponível em: <https://arxiv.org/pdf/1707.07592v3.pdf> Acesso em 10 junho 2020.

STENGERS, Isabelle. **A invenção das Ciências Modernas**. São Paulo, Editora 34, 2002.

UNESCO. **Jornalismo, fake news & desinformação**: manual para educação e treinamento em jornalismo. Paris: Unesco, 2019.

UOL. Alexandre Garcia lucrou quase R\$ 70 mil com fake news, diz relatório do Google. **UOL**, 12 de junho de 2020. Disponível em: [UOL](#). Acesso em 12 de junho de 2021.